

Destaque Rural Nº 228

24 de Abril de 2023



ÁFRICA SUBSAARIANA NO CAMINHO DE MAIS SUBDESENVOLVIMENTO

João Mosca e Yasser Dadá¹

RESUMO:

O presente texto procura avaliar a evolução do desenvolvimento, em termos comparativos, de alguns países seleccionados com a África Subsaariana (ASS) e desta sub-região com o Mundo. Para o efeito, considerou-se: (1) a evolução comparativa do PIB, do PIB por habitante, e da taxa de crescimento; (2) a estrutura sectorial na formação da riqueza; (3) o comércio externo e os principais bens importados e exportados, a evolução dos termos de troca, a taxa de cobertura, o grau de abertura da economia e a dívida externa. O estudo abrange, para a maioria dos dados, o período entre 2000 e 2020.

Em síntese, as economias subsaarianas tendem a ser mais subdesenvolvidas, com crescimento desigual em relação ao Mundo, com estruturas produtivas de serviços a crescer, a agricultura e a indústria a perderem importância na formação do PIB, e um comércio externo reproduz a troca desigual e a deterioração dos termos de troca. Comparando com o Mundo, a ASS possui uma maior concentração da pobreza e um aumento do número de pobres. Pode-se deduzir a ASS e os países analisados, possuem economias integradas de forma subalterna na divisão internacional de trabalho e ao serviço das multinacionais e dos países desenvolvidos, com baixas tecnologias e salários e produtividades baixas, dificultando ou impedindo a competitividade e ganhos na reestruturação de uma nova divisão do trabalho à escala mundial.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto procura avaliar a evolução do desenvolvimento, em termos comparativos, de alguns países seleccionados com a África Subsaariana (ASS) e desta sub-região com o Mundo. Neste caso, pretende-se verificar se existe um processo de crescimento convergente e se, nessa senda desse, se pode deduzir ser no sentido da melhoria de alguns indicadores que caracterizam as economias subdesenvolvidas. A

¹ João Mosca, Doutor em Economia Agrária e Sociologia Rural. Yasser Arafat Dadá, economista e Mestre pela Universidade de Lisboa. Doutorando em Estudos de Desenvolvimento. Ambos pesquisadores do OMR.

hipótese deste trabalho é que a África Subsaariana está na senda do aprofundamento do subdesenvolvimento.

Para o efeito, considerou-se: (1) a evolução comparativa do PIB, do PIB por habitante, e da taxa de crescimento; (2) a estrutura sectorial na formação da riqueza; (3) o comércio externo e os principais bens importados e exportados, a evolução dos termos de troca, a taxa de cobertura, o grau de abertura da economia e a dívida externa. Outros temas relacionados com a economia da ASS, por exemplo, sobre os fluxos de capitais, a poupança e o investimento interno e externo, como importantes elementos das dinâmicas do desenvolvimento e subdesenvolvimento serão estudados em outros textos. Os indicadores referidos serão estudados em outro texto. Considera-se que os indicadores utilizados permitem dar resposta à hipótese de trabalho.

O texto, além da introdução, possui mais três secções. Na segunda, faz-se um breve apontamento de enquadramento teórico. Na terceira secção, apresenta-se graficamente uma análise descritiva dos principais indicadores que caracterizam as economias subdesenvolvidas. Finalmente, faz-se um resumo e procura-se confirmar ou refutar a hipótese do trabalho.

A ASS foi escolhida pela razão de ser uma sub-região onde estão inseridas as economias mais subdesenvolvidas e onde se localiza Moçambique, e que tem sido analisada por diferentes organizações internacionais. Os países foram seleccionados pelos autores pelas seguintes razões: pertencerem à ASS (África do Sul, Angola, Moçambique e Tanzânia), todos são membros da SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral), possuem realidades diversificadas, e porque, coincidentemente, a África do Sul é a maior economia da sub-região e Angola é o segundo maior produtor de petróleo da ASS, o que introduz características específicas para a análise que se pretende. O período de 2000 a 2020 (em alguns casos 2021)², por ser um período suficiente para se analisar as principais tendências das economias.

2. BREVES APONTAMENTOS TEÓRICOS

Existe muita discussão sobre o conceito de subdesenvolvimento e possíveis implicações de diferente ordem política, ideológica, económica, espacial e geoestratégica. Neste debate, existem outros termos/conceitos, como “em vias de desenvolvimento” ou “em desenvolvimento” e economias periféricas (em contraposição com o “centro”). São muitos os autores que, sobretudo nos anos 60 e 70 do século XX, se debruçaram sobre esta matéria³.

² A série temporal pode variar em alguns casos, dependendo da disponibilidade dos dados.

³ Entre outros, indicam-se Arghiri Emmanuel, Charles Bettelheim Gunder Frank, Immanuel_Wallerstein, Paul Baran, Paul Prebish, Paul Sweezy, Samir Amin, e Theotónio dos Santos.

Neste texto apenas se sintetizam as características económicas dos países subdesenvolvidos. São as seguintes:

- Economias assentes nos sectores primários (agricultura, florestas, pescas, recursos minerais e energéticos), com baixa produtividade, tecnologias intensivas em trabalho e prática de salários baixos como factor de competitividade desses sectores e forma de assegurar a lucratividade e a atracção do capital externo, enquanto as economias desenvolvidas se especializam nas “novas economias” e tecnologias.
- Agricultura assente em explorações de pequena escala, de baixa produtividade e intensivas em trabalho, que produzem sobretudo para o autoconsumo e, por outro lado, grandes empresas do agronegócio que estabelecem relações desequilibradas com os pequenos produtores, seja pela via da mercantilização como pela implementação do sistema de *out grower* e assalariamento, predominantemente temporário, fazendo emergir um semi-proletariado que mantém as ligações com a agricultura e o meio rural como forma de assegurar salários baixos.
- Empresariado doméstico frágil, pouco inovador, baixa integração nos mercados e em redes de negócio e cadeias de valor internacionalizadas, que se estrutura em três vectores: (1) transformar os bens importados para permitir o consumo final ou intermédio; (2) realizar a primeira transformação para permitir a exportação de bens primários; (3) realizar funções complementares (transportes, construção civil, hotelaria, restauração, etc.) ou de logísticas aos grandes investimentos externos e transportes para o *hinterland*, que se concentram nos recursos naturais e na agricultura de exportação; e, (4) “indústria de trânsito”⁴ para aproveitamento de localizações próximas dos mercados de consumo final ou das matérias-primas (redução de custos de transporte), baixos salários, benefícios fiscais dos governos subdesenvolvidos entre outros aspectos.
- Por outro lado, o baixo volume do PIB e dos sectores formais na formação da riqueza nacional, dificulta a obtenção de receitas públicas e, com isso, limita a capacidade de desempenhar eficazmente funções de Estado, como a educação, saúde, a segurança dos cidadãos, a construção e manutenção de infra-estruturas públicas, dificultando o desenvolvimento das economias.

Estas características fundamentais são suportadas, por uma baixa e limitada qualificação dos recursos humanos (“capital humano”), pouco desenvolvimento da investigação, deficientes infra-estruturas e poder político frágil e muitas vezes corrupto. O crescimento da população constitui uma limitante ao crescimento do PIB por habitante e no agravamento da pobreza, na medida em se exige taxas de crescimento mais elevadas para absorver o efeito do crescimento demográfico.

⁴ Indústrias que transformam matérias-primas de outros países e exportam o produto final ou semiacabado para economias desenvolvidas. É o caso da MOZAL.

Em consequência destes factores, muitas das economias possuem rendimentos baixos por habitante, pobreza elevada, desigualdades sociais e espaciais, insegurança alimentar e grande vulnerabilidade aos choques climáticos. Porque possuem pouca poupança interna, estão dependentes do investimento externo, dos empréstimos e da cooperação, fazendo avolumar a dívida externa. O comércio externo especializa-se em bens primários de pequeno valor acrescentado e importação de bens equipamentos e petróleo, fazendo com que se assista, a longo prazo, a uma perda o poder aquisitivo das exportações⁵, economias crescentemente abertas⁶ e, por isso, vulneráveis às comoções económicas externas.

O subdesenvolvimento possui um ciclo que se retroalimenta, cujo rompimento depende, em grande medida, de políticas internas endogeneizadas que vigorem com períodos supra legislativos e não partidarizados, modelos de crescimento assentes na acumulação interna, em instituições transparentes promotoras do crescimento económico, na formação de recursos humanos de qualidade, na investigação e incentivos ao investimento e à emergência de um tecido produtivo moderno e competitivo, na democraticidade da sociedade e a participação dos cidadãos através de diferentes formas de organização da sociedade, não somente como veículos de participação como de aumento do poder negocial em defesa de interesses de várias naturezas e desenvolvimento da democracia.

Para alcançar os objectivo do texto os autores seleccionaram alguns indicadores que expressam os aspectos principais referidos e que se expõem na secção seguinte.

3. ANÁLISE DE INDICADORES

3.1 Produto Interno Bruto (PIB)

As estatísticas a seguir apresentadas evidenciam que a África Subsaariana (ASS), tem um peso muito baixo no PIB mundial (1,3% em 2000 e cerca de 2% em 2020). Em termos populacionais, a ASS representa, para os mesmos anos, respectivamente cerca de 11% e 15% da população do Mundo. Nesse período, a população mundial cresceu, nesse período, 1,28 vezes, enquanto a população na ASS cresceu e 1,76 na ASS. A combinação destes dois indicadores, implica maiores dificuldades de aproximação do rendimento por habitante: na ASS, em 2000, era de 630,3 dólares 11% do Mundo e em 2020 passou para 1.633,2 USD, cerca de 13,3%. Porém, em termos absolutos, a diferença entre os PIB por habitante, passou de 4.887 USD em 2000 para 10.602,8 dólares em 2020. O PIB de Moçambique em 2000 representava cerca de 1,3% do PIB da ASS e em 2020 decresceu para 0,8%.

⁵ Conceito de termos de troca mais adiante especificado.

⁶ Economias onde o volume e os valores do comércio externo têm um grande peso no PIB.

O PIB de Moçambique em 2000 representava cerca de 1,3% do PIB da ASS e, em 2020, decresceu para 0,8%. O PIB por habitante de Moçambique em 2000 foi de cerca de 318 USD e, em 2020, cresceu para 491,8 dólares, o que representa um crescimento de 1,54 vezes, enquanto na ASS e no Mundo o PIB por habitante incrementou em 2,6 e 2,2 vezes, respectivamente, o que significa um crescimento inferior em Moçambique.

O gráfico 3 abaixo revela que existe uma grande variabilidade do PIB (principalmente de Angola e África do Sul) e uma tendência de decrescimento, podendo-se sugerir que se está presente de um ciclo de crise económica de longa duração⁷. Contrariamente, as variações do PIB mundial são mais estáveis e com uma tendência para o aumento.

Segundo a base de dados do FMI, o rendimento por habitante em Moçambique, em 2020, ocupava o lugar 45 em 46 países, todos eles da ASS. Dos países seleccionados no presente texto, a África do Sul é a maior economia da ASS, tendo o seu peso decaído rapidamente (de 35,9% do PIB da ASS em 2000 para 21,7% em 2021, (gráfico 4), BM (2022).

Em resumo, a África Subsaariana atravessou pelo menos duas décadas de uma ligeira aproximação, em termos de PIB na economia mundial (gráfico 4), tornando o subcontinente e os africanos relativamente mais pobres em termos do diferencial do PIB por habitante (gráfico 2) em consequência do crescimento divergente (desenvolvimento desigual⁸).

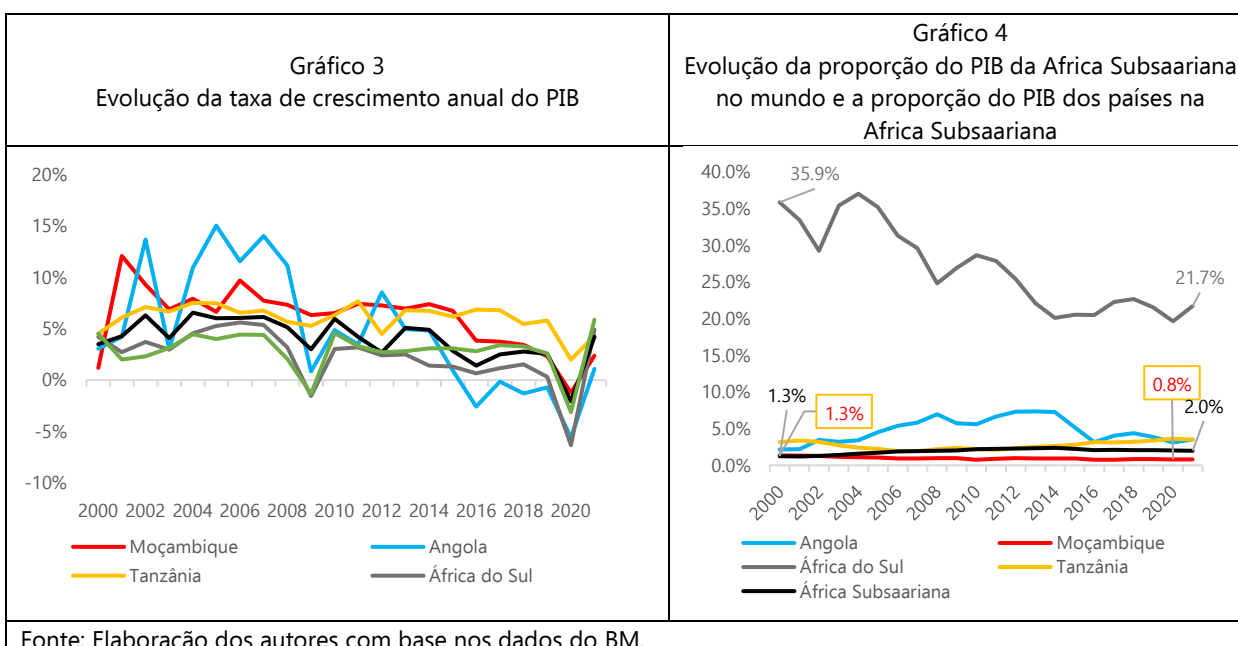
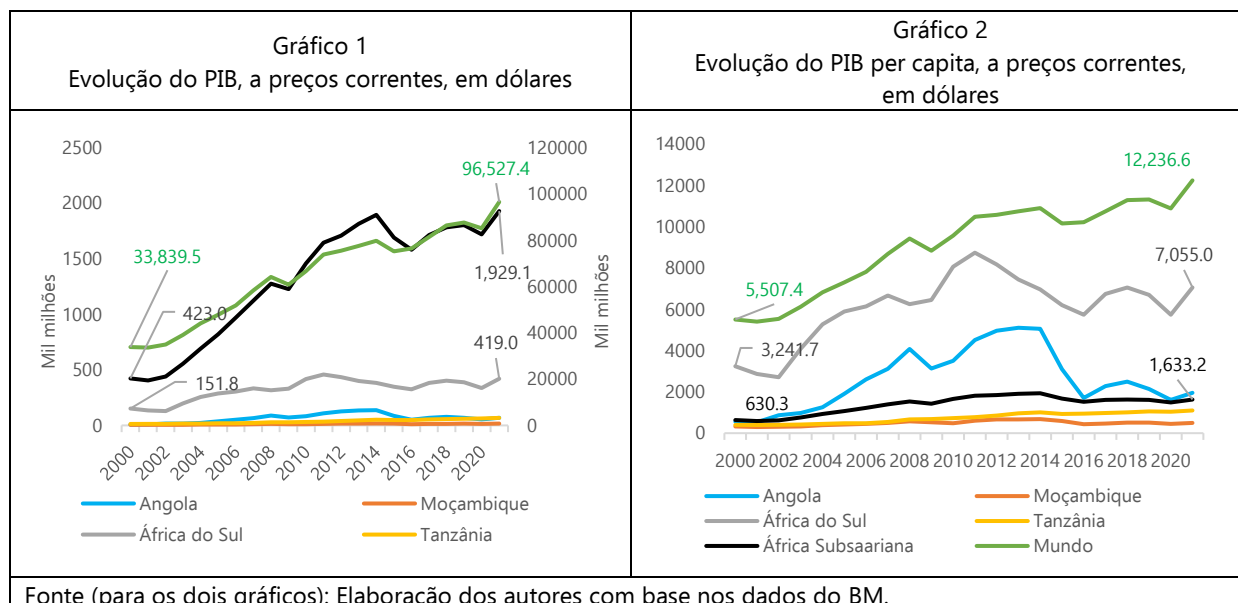
Ao longo dos 20 anos estudados, a ASS e os países seleccionados, atravessaram por um ciclo longo de crise económica com períodos de expansão de curta duração.

⁷ Os ciclos económicos podem ser classificados pelo tempo de duração das suas fases. Neste caso, está-se presente de um ciclo de decrescimento (crise) do PIB de pelo menos 20 anos que foi estudado por Kondratiev. Neste caso, está-se perante uma tendência de decrescimento do PIB com ciclos curtos de recuperação de, em média, inferiores a cinco anos. Ciclos de menor duração foram estudados por outros autores, cada um reportando-se a realidades concretas.

O economista soviético Nikolai Kondratiev foi o primeiro a trazer essas observações à atenção internacional em seu livro *The Major Economic Cycles* (1925), ao lado de outras obras escritas na mesma década. Em 1939, Joseph Schumpeter sugeriu nomear os ciclos de "ondas de Kondratieff" em sua homenagem.

Veja o livro sobre o mesmo assunto de Grinin, Leonid E., Korotayev, Andrey V. e Tausch Arno (2018). *Economic Cycles, Crises, and the Global Periphery*. Springer.

⁸ Os principais teóricos desta teoria são Immanuel Wallerstein, Theotonio dos Santos, André Gunder Frank e Giovanni Arrighi.



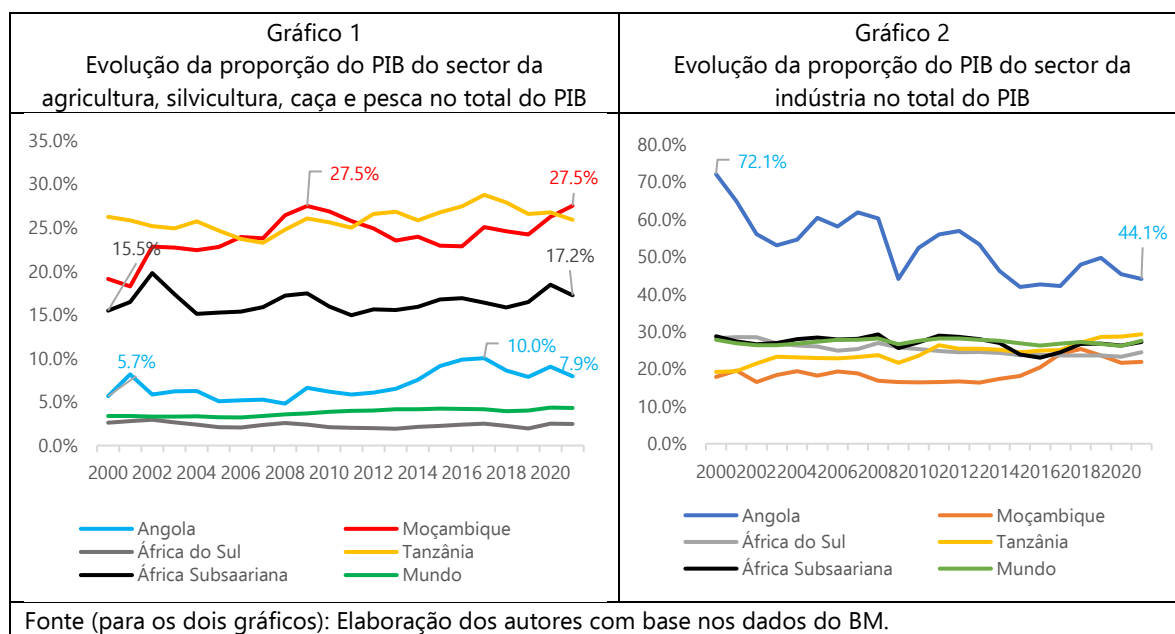
3.2 Estrutura produtiva

O sector da agricultura, silvicultura, caça e pesca na ASS e na maioria dos anos entre 2000 e 2021, teve um peso superior a 15% do PIB. No Mundo, o sector representa menos de 5%, e, no caso da África do Sul, este indicador é inferior a 3%. De entre os países seleccionados, Moçambique e Tanzânia são os países onde o peso do sector tem sido superior a 20%.

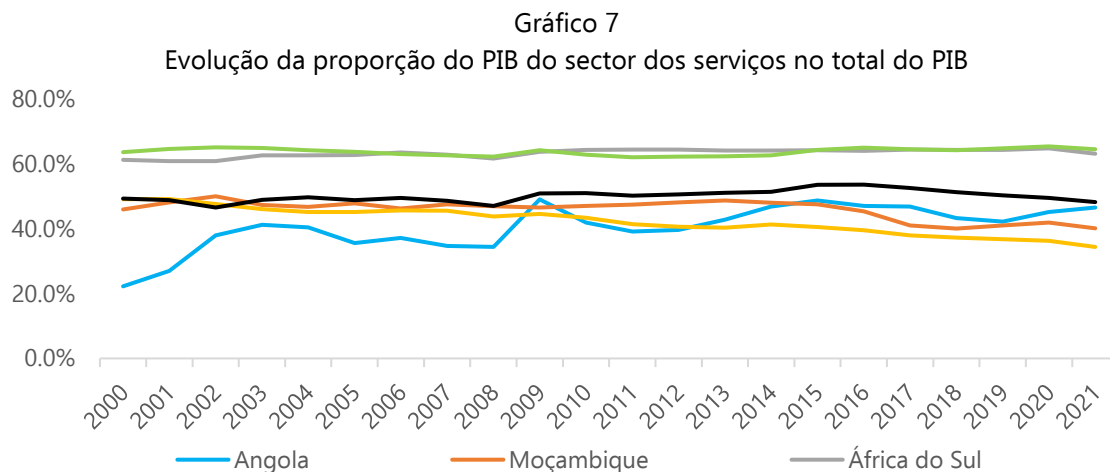
A indústria possui, em todos os casos e na maioria dos anos, um peso acima de 20%. Em Angola, a indústria assente no petróleo, tem representado mais de 40% do PIB, verificando-se um decréscimo rápido e instável ao longo do período⁹. Em Moçambique a indústria representa menos de 20% do PIB, excepto a partir de 2016, devido ao crescimento da indústria extractiva.

Os serviços são o sector com maior peso nas economias da ASS, entre cerca de 35% e 65%. Em Angola os serviços têm substituído, no essencial, o peso da indústria.

Em resumo, a estrutura da ASS e dos países analisados está assente nos sectores de serviços e na indústria, sobretudo na extractiva. As linhas de tendência dos quatro países revelam um ligeiro aumento do sector primário, estabilidade no sector industrial e de serviços (excepto para o caso de Angola).



⁹ A economia angolana tem-se ressentido gravemente das flutuações do mercado internacional do petróleo e, como agravante, não possui uma estratégia de diversificação da economia. Os gráficos do PIB, da estrutura produtiva e do comércio externo de Angola manifestam esta realidade.



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do BM.

3.3 Sector externo¹⁰

a) Balança comercial

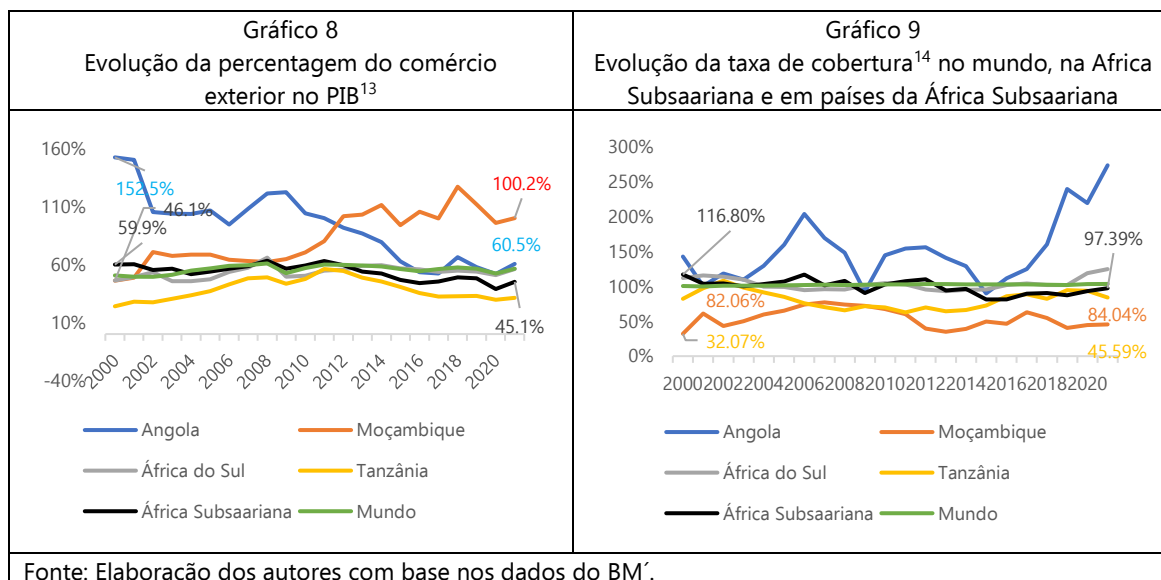
Observa-se no gráfico 8 que as percentagens das exportações e importações sobre o PIB, bem como o somatório de ambas dimensões sobre o PIB (comércio externo) têm tendência crescente. O grau de abertura das economias estudadas aumenta. Estes dados revelam o seguinte: (1) as economias africanas consideradas neste texto e a ASS, possuem economias muito abertas, medido pelo indicador da evolução da percentagem do comércio externo no PIB (gráfico 8); (2) a taxa de cobertura¹¹ (gráfico 9), é superior a 100% para Angola, a África do Sul ronda os 100%, enquanto Moçambique e Tanzânia estão abaixo de 100%, o que significa uma balança de pagamentos negativa nestes dois países; Angola possui uma tendência negativa do volume do comércio externo assim como da taxa de cobertura (devido às variações no mercado do petróleo); (3) a evolução do índice dos termos de troca¹² em 2020, considerando 2000 como ano base, foram os seguintes; Angola (176,49); Moçambique (159,7); África do Sul 1(46,5); e, Tanzânia (102,3).

¹⁰ Neste texto apenas se analisa a Balança Comercial e a dívida externa.

¹¹ Taxa de cobertura é calculada pela divisão das exportações pelas importações, em percentagem. Se for superior a 100%, significa que as exportações são superiores às importações e, portanto, o valor das exportações cobre os pagamentos das importações.

¹² Termos de intercâmbio designa a relação entre o total do valor das exportações e das de um país em um determinado período, considerando as o total das quantidades exportadas e importadas.

Exceptuando a Tanzânia, os 4 países representados perderam, em 20 anos, cerca ou mais de 50% do poder aquisitivo das suas exportações.



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do BM'.

Os gráficos abaixo (de 10 a 14) revelam a estrutura do comércio externo. As principais observações são as seguintes:

- O volume das importações cresce mais rapidamente que as exportações (gráficos 11 e 12), agravando o défice da balança comercial (exceptuando Angola). A ASS perde peso no comércio internacional (gráfico 8).
- As máquinas e equipamentos de transporte (gráfico 12), representam a maior proporção das importações da ASS e dos países representados (entre 25% e 40%);
- A importação de combustíveis tem um crescimento rápido, situando-se em redor dos 20% nas economias representadas; a Tanzânia importa (gráfico 14) maiores proporções das suas importações em combustível. À excepção da Tanzânia, a importação de bens alimentares, embora com baixa proporção do total das importações (gráfico 13), apresenta tendência crescente.
- Os combustíveis também representam uma elevada proporção do total das exportações da ASS (principalmente petróleo, e especialmente a Nigéria e Angola); no gráfico 15, a exportação de petróleo é também importante para Moçambique, mas reflecte a exportação destes produtos que entram pelo porto da Beira com destino ao Zimbabué e Maláui. Os minérios e metais são igualmente importantes exportações da ASS, destacando-se Moçambique e África do Sul (gráfico 16). As exportações agrícolas como matérias-primas decaem significativamente na ASS e em todos os países analisados (gráfico 17)

¹³ O comércio exterior é a soma das exportações e importações de bens e serviços, medido em percentagem do produto interno bruto.

¹⁴ Taxa de cobertura mede a relação percentual entre o valor das exportações e o das importações num dado momento. Isto é, em que proporção o valor das exportações cobre as importações.

Gráfico 10: Evolução do total das importações em mil milhões de dólares

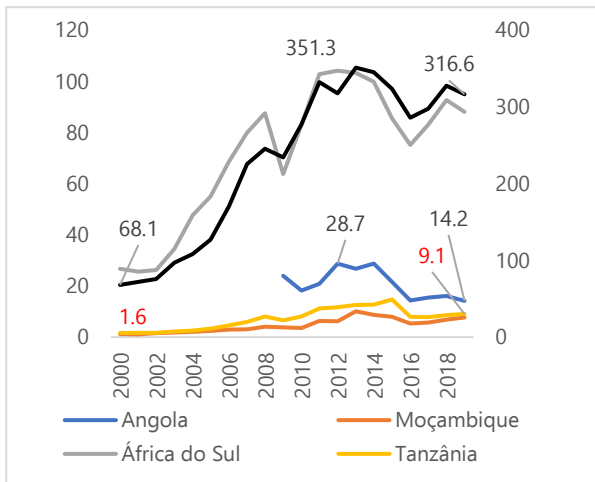


Gráfico 11: Evolução do total das exportações em mil milhões de dólares

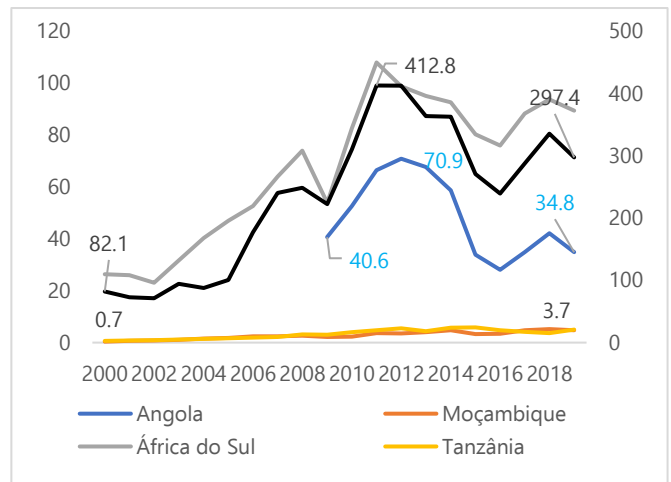


Gráfico 32: Evolução da proporção das importações de máquinas e equipamentos de transporte no total das importações

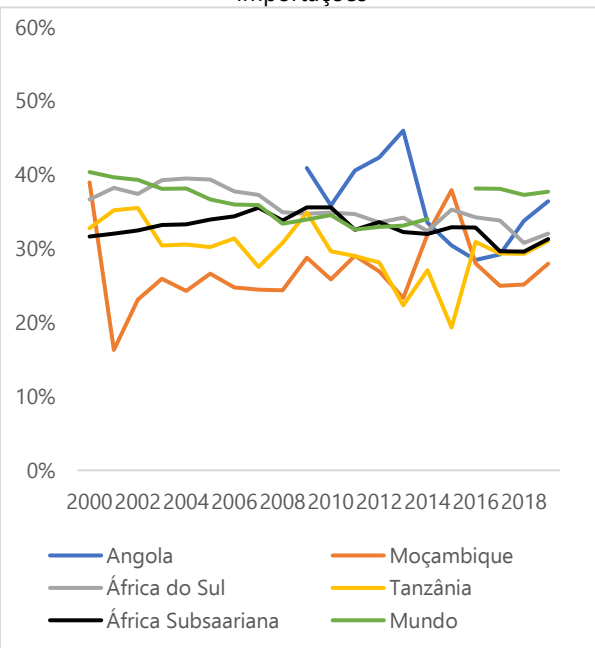


Gráfico 13: Evolução da proporção das importações de produtos alimentares no total das importações

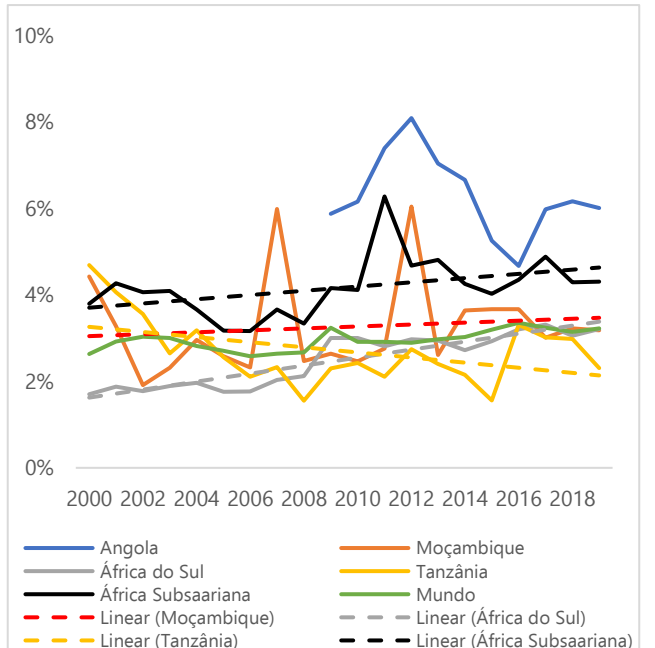


Gráfico 14: Evolução da proporção das importações de combustíveis no total das importações

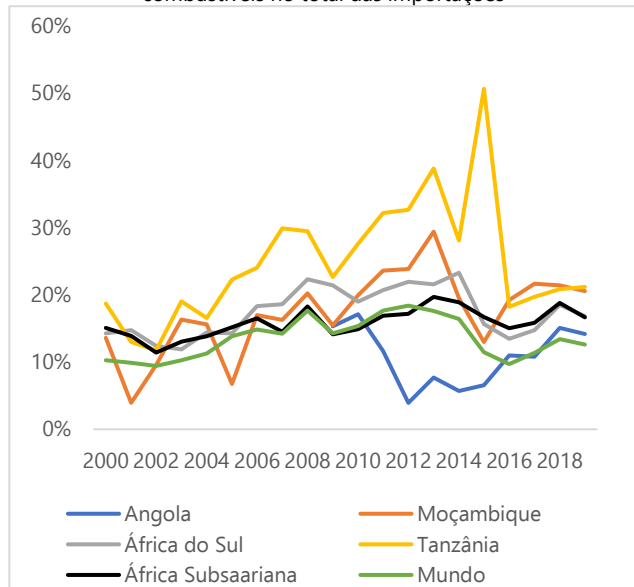


Gráfico 15: Evolução da proporção das exportações de combustíveis no total das exportações

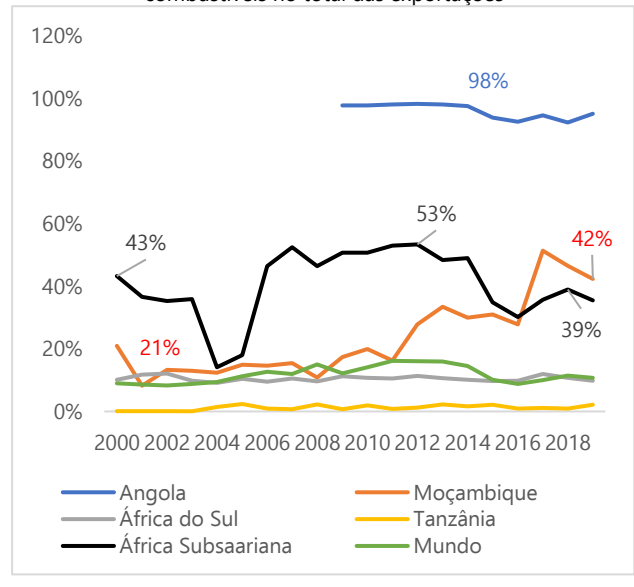


Gráfico 16: Evolução da proporção das exportações de minérios e metais no total das exportações

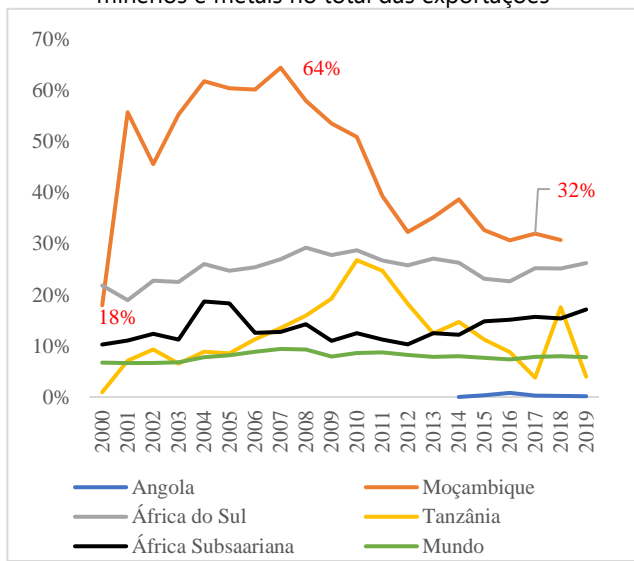
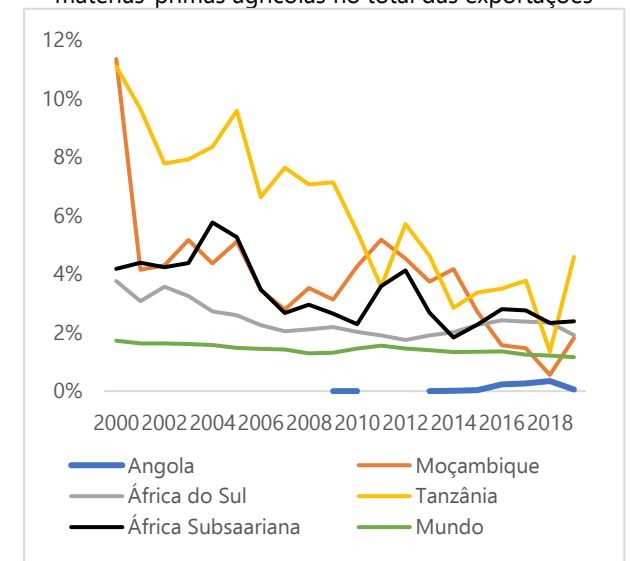


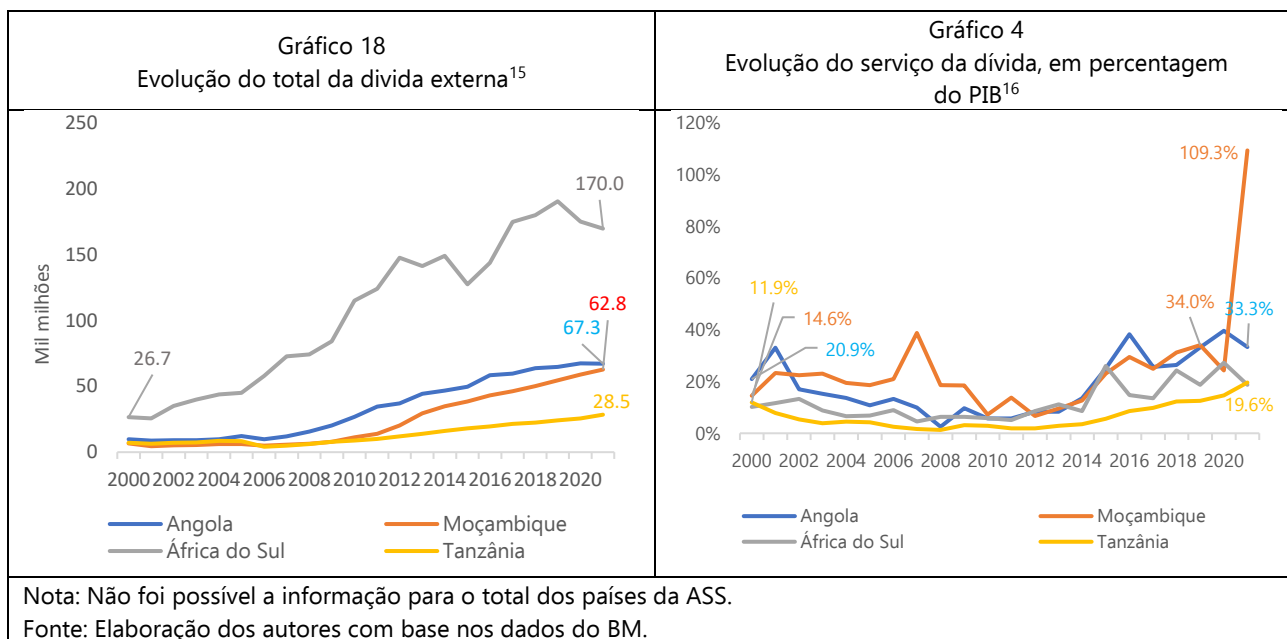
Gráfico 17: Evolução da proporção das exportações de matérias-primas agrícolas no total das exportações



Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da WITS.

b) Dívida externa

Observa-se nos gráficos 18 e 19 um significativo crescimento da dívida externa e dos valores do serviço da dívida dos países considerados neste estudo.



3.4 Pobreza

Os dados da pobreza apresentados no quadro 1, correspondem aos valores de 2000 e os últimos existentes para cada país, conforme os estudos disponíveis.

Quadro 1: Evolução da proporção da população pobre.

Países	Ano	Pobreza (PPC de 2,15\$/dia)
Angola	2000	21,4%
	2018	31,1%
Moçambique	2002	80,5%
	2014	64,6%
África do Sul	2000	36,8%
	2014	20,5%
Tanzânia	2000	84,0%
	2018	44,9%
África Subsaariana	2000	56,5%
	2019	34,9%
Mundo	2000	29,3%
	2019	8,5%

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados do BM.

¹⁵ A dívida externa total é uma dívida a não residentes, reembolsável em moeda, bens ou serviços. A dívida externa total é a soma da dívida de longo prazo pública, pública garantida e privada não garantida, utilização de crédito do FMI e dívida de curto prazo. A dívida de curto prazo inclui toda a dívida com um prazo de vencimento original igual ou inferior a um ano e os juros de mora da dívida de longo prazo. Os dados estão em dólares americanos

¹⁶ Total do serviço da dívida sobre as exportações de bens, serviços e rendimento primário. O serviço total da dívida é a soma dos reembolsos de capital e dos juros efetivamente pagos em moeda, bens ou serviços sobre a dívida de longo prazo, dos juros pagos sobre a dívida de curto prazo e dos reembolsos (recompras e encargos) ao FMI.

Observa-se que a pobreza é mais concentrada na ASS que no mundo. E, embora entre 2000 e 2019 as percentagens de redução a pobreza na ASS e no Mundo sejam sensivelmente semelhantes (21,6% e 20,8%, respectivamente). Em Moçambique, a pobreza decresceu cerca de 16% entre 2002 e 2014. Enquanto na ASS o número de pobres aumentou em cerca de 100 milhões, enquanto no Mundo o número de pobres decresceu em 700 milhões. De entre os países estudados, o número de pobres aumentou em Angola, em 7,3 milhões de pessoas e em Moçambique aumentou em cerca de 2,5 milhões de pessoas, mas houve decréscimos na África do Sul e na Tanzânia.

RESUMO

Pode-se afirmar que a ASS e os países seleccionados para esta análise e considerando a série temporal entre 2000 e 2020, apresentam em todos ou na maioria dos indicadores (quando consideradas especificidade de alguns países), uma tendência para uma evolução divergente em relação ao Mundo na produção da riqueza (PIB) e no rendimento por habitante, o que significa que a ASS e essas economias, se atrasam no crescimento económico¹⁷ e na redução da pobreza.

As estruturas produtivas das economias da ASS estão assentes nos sectores de serviços (administração pública, transportes, comunicações, turismo e sector financeiro), seguido da agricultura e da indústria. São economias com tendência à terciarização sem prévia industrialização, tal como aconteceu na maioria das economias hoje desenvolvidas. Esta terciarização tem implicações sobre o rendimento interno, o alargamento da base social de crescimento e da distribuição da riqueza, o que configura, em círculo vicioso, estruturas extrovertidas e conseqüente estrangulamento do mercado interno e do tecido empresarial doméstico (o que se reflecte na importância, sobretudo do sector da indústria), reproduzindo a natureza subdesenvolvida das economias.

A estrutura do comércio externo, medido em valor (USD), confirma que os bens primários (e, em alguns países, petróleo- Angola, e minerais e metais - Moçambique e África dos Sul, e, de forma decrescente a agricultura – matérias-primas,) somam a maioria do valor das exportações. As máquinas e equipamentos de transporte e combustíveis, têm peso importante nas importações. Esta estrutura do comércio externo justifica os termos de troca cada vez mais desfavoráveis para as economias subsaarianas, e, por isso, a decrescente capacidade de importar. Sublinha-se que a ASS e os países analisados, importam cada vez mais bens alimentares, comprometendo a segurança alimentar nacional e pode estrangular as agriculturas nacionais¹⁸. O aumento das importações

¹⁷ O que é designado por crescimento divergente.

¹⁸ Não existe qualquer protecção aduaneira à importação de bens alimentares e as tarifas aduaneiras são, em quase todos os casos, de 0%. Esta opção de política, estrangula a produção nacional de menor produtividade e competitividade, sobretudo dos pequenos produtores. Não existem, por outro lado, políticas de aumentos da produtividade, integração nos mercados, criação de emprego, entre outras direccionadas aos pequenos produtores, o que não contribui para a redução da pobreza e a segurança alimentar.

alimentares e o decréscimo das exportações de matérias-primas agrícolas, pode reflectir alteração da estrutura do comércio externo como reflexo da redução da importância da agricultura na ASS e nos países analisados¹⁹.

Em síntese, as economias subsaarianas tendem a ser mais subdesenvolvidas, com crescimento desigual em relação ao Mundo, com estruturas produtivas de serviços a crescer, a agricultura e a indústria a perderem importância na formação do PIB, e um comércio externo reproduz a troca desigual e a deterioração dos termos de troca. Comparando com o Mundo, a ASS possui uma maior concentração da pobreza e um aumento do número de pobres. Pode-se deduzir a ASS e os países analisados, possuem economias integradas de forma subalterna na divisão internacional de trabalho e ao serviço das multinacionais e dos países desenvolvidos, com baixas tecnologias e salários e produtividades baixas, dificultando ou impedindo a competitividade e ganhos na reestruturação de uma nova divisão do trabalho à escala mundial.

Este trabalho confirma que a África Subsaariana e os países analisados evoluem na senda de aprofundamento do subdesenvolvimento.

Seria interessante uma pesquisa para se estudarem modelos de desenvolvimento alternativos, bem como a análise de outros indicadores, como, por exemplo, os fluxos de capitais, a poupança interna e externa, o orçamento público, entre outros.

¹⁹ Este facto, a continuar no tempo, constitui uma alteração á estrutura produtiva e do comércio externo, o que pode significar: (1) alterações nas regiões e países produtores de alimentos e de matérias-primas; (2) mudanças nas dietas alimentares em consequência da urbanização em todo o mundo; (3) baixo crescimento da população nas regiões do mundo com maiores rendimentos por habitante.

Os conteúdos são da exclusiva responsabilidade dos autores, não vinculando, para qualquer efeito, o Observatório do Meio Rural nem os seus parceiros ou patrocinadores

E-mail: office@omrmz.org

Endereço: Rua Faustino Vanombe, nº 81, 1º Andar.

Maputo – Moçambique

www.omrmz.org